

BOLETIM

# lapsus

Número 11

Publicação do Instituto  
de Psicanálise da Bahia

## EDITORIAL

Ao escrever o primeiro editorial sob nova forma, ressoa insistente a palavra mudança, significante que transitou todas as reuniões de equipe LAPSUS para retomar o projeto do boletim em 2013. Com novo gás, tentamos tornar esse trabalho mais atraente e convoc(a)dor. Mudamos porque o novo é sempre algo que aponta para a subversão. No nosso caso, além de tentar tratar o real através da escrita - tarefa impossível que, ainda assim, empreendemos esforços e contamos com as belas e instigantes produções dos participantes do IPB - nos servimos, agora, de outra consistência. O lapso da Lapsus tenta ser reparado, também, por um tratamento estético. Na esteira contemporânea dos sintomas que apontam para novos nós, numa reengenharia de gozo, fazemos, como os nossos LAPSUS, outra montagem.

A despeito disso, brincamos: mudamos a nossa cara, mas não mudamos as nossas fixações enquanto equipe. Seguimos a proposta de, diante do furo, produzirmos LAPSUS, compilando escritos que almejam fazer da experiência de participação em um instituto guiado pela psicanálise de orientação lacaniana, um saber, mantendo viva a lacuna que abre espaço para participação, singularidades, ficções.

Nesta edição, contamos com a elaboração de Roseane de Madeiros que conjuga alienação e neurose; Pamponet, membro da EBP, concede-nos um importante ensino sobre a letra de gozo e o Pai, percurso que vai do "signo do traumatismo ao Um do significante, ao Um do traço unário, para no final, o sujeito "n'hómea" a letra de gozo do sinthoma"; Milena Barbosa, do "sem sentido do gozo Uno", aproxima-se do sinthome, tentando

delimitá-lo enquanto instrumento conceitual, e Freud, em uma atualíssima carta encaminhada à mãe de um jovem homossexual, nos dá argumento que põe barra à "cura gay" proposta pelo deputado Feliciano. Ainda contamos com a *missão do corpo* de Drummond, e a resenha de Livia Beatriz do filme *As horas*.  
Deleitem-se.

Rogério Barros

## SUMÁRIO

<b>TEXTOS.....</b>	<b>3</b>
<b>Resquícios do tempo da alienação na neurose.....</b>	<b>3</b>
Roseane Torres de Madeiro	
<b>Sobre o Pai Real e a Letra.....</b>	<b>5</b>
Reinaldo Pamponet	
<b>Sinthoma: uma tentativa de aproximação.....</b>	<b>8</b>
Milena Rocha Nadier Barbosa	
<b>Carta de Freud à mãe de um adolescente homossexual.....</b>	<b>11</b>
Sigmund Freud	
<b>POESIA.....</b>	<b>12</b>
<b>Missão do corpo.....</b>	<b>12</b>
Carlos Drummond de Andrade	
<b>JANELA CULTURAL .....</b>	<b>13</b>
<b>As horas.....</b>	<b>13</b>
Livia Beatriz Pereira	

## Resquícios do tempo da alienação na neurose

Roseane Torres de Madeiro

Em 1964 Lacan introduziu pela primeira vez os termos *alienação* e *separação* como duas operações que se dão no processo de constituição do sujeito. Com isso ele estava trazendo para a psicanálise resquícios da linguística estruturalista, em que o sujeito se constitui como efeito de significante advindo do campo do Outro. Portanto para se constituir enquanto sujeito é preciso alienar-se ao significante do Outro, ser falado pelo Outro. No momento da *alienação* o sujeito fica na posição de objeto de gozo para o Outro; e se o sujeito permanecer petrificado a um significante mestre ficará aprisionado.

Na *alienação* o sujeito é produzido na linguagem que o aguarda e é inscrito no lugar do Outro. O sujeito fica reduzido ao lugar de realizar a fantasia do Outro materno. Para que o sujeito possa aparecer na cadeia de significantes, é necessário que se dê a segunda operação, que Lacan denominou de *separação* e afirmou ser tão essencial quanto a primeira. Essa operação se correlaciona com a castração e é um marco, com a qual cada sujeito criará estratégias subjetivas para lidar com ela.

Neste processo de constituição do sujeito sempre haverá um resto, tanto para o sujeito quanto para o Outro. É o que Lacan vem chamar de *objeto a*, um modo de definir a falta do sujeito. Laurent (1997) afirma que a consequência clínica destas duas operações foi a ênfase do papel do *objeto a* na clínica da psicose, estando o sujeito psicótico reduzido ao lugar de *objeto a* no desejo do Outro materno. De fato, não é sem prejuízos que o sujeito se constitui.

Isto conduz a compreensão de que o tempo da *alienação* está para a psicose tal como o tempo da *separação* está para a neurose. Mas a clínica nos mostra que esta relação não é tão simples e simétrica. Vê-se frequentemente resquícios do tempo da *alienação* na neurose, momentos em que apesar de o sujeito ter se estruturado enquanto neurótico, ter sido castrado, parece haver algo que retorna deste tempo em que o sujeito esteve alienado ao desejo do Outro, e que permanece ainda que ele tenha atravessado a segunda operação, a da separação.

Para pensarmos tais questões, tomaremos um fragmento de um caso clínico como marco para uma reflexão.

Jonas fora atendido no âmbito institucional (CAPS), referenciado pela psiquiatria como um paciente de estrutura neurótica que sofria com crises recorrentes de medo. Em seu relato Jonas queixava-se de crises nervosas recorrentes, medo, sensação de morte ao dormir, perda de interesse em fazer suas atividades e insônia. Mudou-se da casa dos pais quando tinha 26 anos para começar a trabalhar em uma empresa que ficava longe do município onde nascera. Segundo ele, este fato o fez adoecer, pois passou a morar sozinho e "*sentia muito medo na ausência de seu pai e de sua mãe*" (sic). Dizia ele:

*Se eu fico longe deles eu fico com medo, atormentado, mas se eu fico muito perto, eu fico incomodado também. Eu cheguei à conclusão de que eu não consigo viver nem perto e nem longe dos meus pais. Eu já tentei me mudar daqui, ficar longe, mas eu não consegui. Eu já to ficando velho. Não consegui fazer nada da minha vida a não ser sofrer com isso. Não consegui casar, nem ser pai, nem trabalhar, nem ter a minha casa. Eu vivo em função deles. E agora, o que eu faço?*

Não responder a tal questão é possibilitar ao outro a possibilidade de este construir um saber inconsciente. Aquele que espera que o Outro o nomeie, não consegue fazer algo com os seus próprios significantes. Ao não responder, o analista está se colocando como *objeto a*, evocando com isso o sujeito

do inconsciente. É preciso que o sujeito se descole dos significantes do desejo do Outro.

O fragmento "não consigo viver nem perto e nem longe" nos remete a *um vai e vem*, ou seja, ao jogo do Fort-Da, primeira simbolização das idas e vindas do Outro materno, desenvolvida por Freud ao ter observado uma criança se utilizar de um objeto que estava a seu alcance para colocar em cena o desaparecimento e o retorno do mesmo, realizando uma renúncia pulsional por permitir a partida deste objeto, causa de seu desejo.

Na fala de Jonas seu conflito parece passar pela sua relação com o Outro, estar perto ou longe do Outro, alienar-se ou separar-se do Outro: eis a sua questão. O que diremos então? Que na neurose o sujeito ainda pode estar assujeitado ao significante do Outro (S1), ainda que tenha sido castrado? Ainda que tenha se dado a operação da separação?

#### REFERÊNCIAS

\_\_\_\_\_. (1964) O Seminário Livro 11: **Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

LAURENT; E. (1997) In: **Para ler o seminário 11 de Lacan: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. FELDSTEIN, R.; FINK, B. & JAANUS, M. (orgs.) Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

\*\*\*\*

## Sobre o Pai Real e a Letra

Reinaldo Pamponet

Se "... o homem nasce mal-entendido" (1), como diz Lacan, é porque na entrada da linguagem o vivente tem um encontro com um S1-signo, indecifrado e indecifrável.

Para-aquém da estrutura, havia uma multiplicidade inconsistente de signos de *das Ding*, e agora resta apenas um que é o traço primário (*primären Zug*) que, após se metaforizar em traço

unário (*einziger Zug*), sucumbe ao recalque originário, à *Urverdrängung*.

Constitui-se, assim, o "furo" da estrutura que inclui o real e que jamais se anula. Trata-se, aqui, de uma metáfora dentro da estrutura - uma "metáfora do gozo". Ao encontro com esse S1 do mal-entendido pelo vivente, Lacan chamou de "trou-matisme".

Lacan diz: "[...] o recalque primordial é um significante, e o que se edifica por cima para constituir o sintoma, podemos considerá-lo como um andaime de significantes" (2), E, acrescenta: "[...] é no real, como fazendo buraco, que o gozo ex-iste" (3).

Para Lacan "[...] a castração é a operação real introduzida pela incidência do significante, seja ele qual for, na relação do sexo. E é claro que ela determina o pai como sendo esse real impossível" (4). Ou seja, o traço primário de perversão (*primären Zug*) é equivalente ao pai real que será recoberto pelo traço unário (*eizinger Zug*).

Se seguimos Lacan quando diz que "[...] a criança é o pai do homem" (5), podemos dizer, então, que a questão que se coloca na experiência de uma análise é como passar do signo do traumatismo ao Um do significante, ao Um do traço unário, para no final, o sujeito "n'homear", a letra de gozo do sinthoma.

No Seminário 17, *O avesso da psicanálise*, Lacan diz que o pai real é um "operador estrutural", um S1-sem sentido como "furo" no saber que constitui o recalque primordial.

O encontro desse S1 de lalíngua - *pai real*, com o corpo, é contingente e sempre perverso. Esse S1 está presente no sintoma da entrada em análise, mas que somente se revela no final como letra.

(S1                      (S1                      (S1  
primären Zug - eizinger Zug - letra

E a letra? Qual a sua origem? Lacan diz que "[...] o signo produz a letra como consequência" (6). No meu entender, a letra de gozo do sinthoma é equivalente ao traço perverso (*primären Zug*), quer dizer, a letra é deduzida do S1-signo do pai real.

Assim, Lacan extrai consequências da perversão poliforma do falasser, da entrada em análise, ao substituir o traço de perversão pela letra de gozo do final de análise. É um avanço positivo porque ele se apoia na letra que é da ordem do escrito, para construir a causa real do encontro entre os sexos. Se a relação sexual não se escreve, a letra é o matema lacaniano que inscreve a causa das paixões e dos amores entre os sexos.

A letra como sucessora do pai real demonstra que do real do pai o sujeito só alcança traços. É isso que o matema  $i(a)$  quer dizer: refere-se à oposição entre o objeto real, das Ding, e o traço que dele se pode perceber.

Em última instância, a letra, como herdeira do traço perverso, inscreve a indignidade pulsional, a Coisa de cada um. No final de análise, amar o seu traço-letra é padecer no paraíso, de onde jamais seremos expulsos. Assim entendo o que Lacan define na *Nota italiana* como um "amor mais digno".

A letra rima amor com dor - é cifra de um gozo que encontra no masoquismo sua expressão e no super-eu sua sentença. A letra é "extima" à estrutura de linguagem e como "idêntica a si mesma", introduz uma descontinuidade entre o antes e o depois, fixando a heterogeneidade entre sintoma e sinthoma. Portanto, apesar de ser do registro do simbólico, o signo porta o segredo do real - a letra como cifra de um gozo opaco.

#### NOTAS

1. Lacan, J. - Seminário 24, L'Insu qui sait... O mal-entendido - lição de 10/06/80
2. Idem - Seminário 11, Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise, p.167
3. Idem - Seminário 22, RSI - lição de 17/12/74, p.11
4. Idem - Seminário 17, O avesso da psicanálise, p. 121
5. Idem - Seminário 7, A ética da psicanálise, p. 36
6. Idem - Outros Escritos, p. 19

## **Sinthoma: uma tentativa de aproximação**

Milena Rocha Nadier Barbosa

Talvez, muitos sejam os caminhos para tentar iniciar a construção de uma definição de sinthoma, tal qual a elaborada por Lacan, ao longo da última parte de seu ensino. Um deles talvez seja pela via do singular.

Nos aponta Miller:

O que Lacan chama de sinthoma é, por excelência, o conceito singular, cuja extensão é tão somente o indivíduo. Ao apreendê-lo como tal, vocês não poderão compará-lo a nada. Sob outros pontos de vista ele pertence, é claro, a diferentes classes particulares [...] Lacan, porém, chama de sinthoma a tautologia do singular. (2009, p. 38)

Entretanto, para chegar a compreender o sinthoma como algo do horizonte do singular, talvez seja preciso exercitar um pouco mais o olhar sobre o Real.

Diz Lacan em 1978: "Eu delirei com a linguística". O delírio ao qual se referia estava no fato de ter adotado uma primazia do simbólico sobre os dois outros registros por ele apontados: o imaginário e o real. Uma primazia sustentada pelo o poder que atribuía às palavras sobre as coisas em si.

Ainda envolvido pela primazia do simbólico, Lacan aponta que o acontecimento fundante do sujeito ocorreria quando, este, "[...] 'em sua estúpida e inefável existência', encontrar-se-ia com o Outro que, ao introduzir o significante, morde[ria] o gozo, mortifica[ria]. Dessa ação sempre resta[ria] o real impossível de 'significantizar'." (HORNE, 2013, p.1). Vê-se, então, que, naquela época, o "acontecimento" ainda era tratado como um evento condicionado a uma ação do Outro sobre o corpo vivo. Todavia, em seu último ensino, ocorre uma mudança de perspectiva.

Nesse último momento, a "linguagem e sua estrutura, que eram, então, tratadas como um dado primário, aparecem como secundárias e derivadas" (MILLER, 2012, p. 101). Isso só é



possível através da construção e do olhar sobre a *lalíngua* e sobre a não-relação.

Lacan entende, então, que as palavras são de fato inadequadas às coisas. Conclui que o simbólico é inadequado ao real e que "o real se funda por não ter sentido, por excluir sentido". (LACAN, 2007, p. 62)

Assim, compreende que há algo no corpo vivo que prescinde do sentido. Há algo que lhe é inerente e anterior à inserção do significante. Há o gozo, o gozo Uno, um gozo que exclui o sentido.

Logo, não o significante, mas sim, o gozo pré-existente passa ser visto como o ponto de partida no acontecimento primeiro. A operação, então, se inverte. Ela não se dá mais do Outro para o corpo vivo, mas sim deste para o Outro. É essa inversão que tornará possível a emergência do Outro do Outro sob a forma do Um, o um singular.

Esse não é mais "um acontecimento de pensamento, ou [...] de linguagem, é um acontecimento de corpo [...], de um corpo substancial, aquele cuja consistência é de gozo." (MILLER, 2009, p. 43) E é como esse acontecimento de corpo que Lacan define o *sinthoma*.

O *sinthoma*, como acontecimento de corpo, seria aquele que ex-siste para atar o "laço enigmático" entre as três cordas que insistem em tentar separar-se: o imaginário, o simbólico e o real, sob uma organização singular do gozo.

Daí a justificativa para se grafar *sinthoma*, ou *sinthome* em francês, ao invés de *symptôme* (grafia atual para sintoma na mesma língua). A intenção é não usar para esse conceito o sufixo *ptôma*, do grego queda, presente na palavra *symptôme*. Afinal, diferente do sintoma que se espera "cair" durante uma análise, o *sinthoma* vem designar o aspecto fundante do sujeito, "aquilo que não cai, que se fixa em torno da falta primeira e particular e da necessidade de que esta

não cesse, para que continuem sendo possíveis o gozo e o desejo" (DIAS, 2006, p. 99).

O sinthoma é o elo fundamental no nó que compõe o sujeito: ele não deve cair. O sinthoma é também um acontecimento de corpo, cifra do real que beira o não-sentido. Então, que restaria no processo de análise frente a impossibilidade da extirpação (psiquiátrica) e/ou da decifração (freudiana) desse sinthoma? Lacan responde: restaria a identificação.

O fato é que, dado seu aspecto real, mesmo no fim de uma análise, não é possível alcançar o sinthoma. Mas, chega-se, talvez, à algum  $S_1$  bem próximo. Nesse encontro em que se toma o todo, nesse instante de ver, é possível nomeá-lo, identificar-se a ele e assim assumir algum controle sobre o que antes simplesmente invadia o sujeito. Nessa operação, transforma-se o sintoma de algo externo, nome do pai, em algo interno, próprio a sujeito. Nessa conversão, o sujeito passa a poder organizá-lo, ao invés de ser organizado por ele.

#### REFERÊNCIAS

DIAS, Maria das Graças Leite Villela. Le sinthome. **Ágora (Rio J.)**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, Junho 2006 . Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-14982006000100007&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982006000100007&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 25 de abril de 2013.

HORNE, B. Acontecimento. In: **Brochura I - curso de pós-graduação - teoria de psicanálise lacaniana - uma orientação para o real, 5a. turma 2013/1015**. Salvador: Escola Baiana de Psicanálise, 2013.

LACAN, J. **O Seminário, livro 23: o sinthoma**, 1975/1976. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

MILLER, J. A. O inconsciente e o sinthoma. In: **Opção Lacaniana** - Revista Brasileira Internacional de Psicanálise, nº 55. São Paulo: Edições Eolia, 2009.

\_\_\_\_\_. Os seis paradigmas do gozo . In: **Opção Lacaniana** - Online nova série, ano 3 , nº 7, março 2012.

\*\*\*\*

## Carta de Freud a mãe de um adolescente homossexual

Sigmund Freud<sup>1</sup>

Prezada Senhora,

Deduzo de sua carta que seu filho é homossexual. Estou especialmente impressionado com o fato da senhora não ter mencionado este termo no seu relato sobre seu filho. Posso perguntar-lhe porque o evitou? A homossexualidade seguramente não é uma vantagem, mas não é nada vergonhoso, não é um vício, não é uma degradação, não pode ser classificada como uma doença; nós a consideramos uma variação da função sexual produzida por um certo bloqueio no desenvolvimento sexual.

Muitos indivíduos altamente respeitáveis na antiguidade e também nos dias de hoje, foram homossexuais, muitos homens notáveis de sua época (Platão, Michelangelo, Leonardo da Vinci). É uma grande injustiça e crueldade a perseguição da homossexualidade como um crime. Se você não acredita em mim, leia os livros de Hamelock Ellis.

Ao perguntar-me se eu poderia ajudar, suponho que você quer saber se posso abolir a homossexualidade e colocar a heterossexualidade normal em seu lugar. A resposta é que, de uma maneira geral, não podemos prometer conseguir isto. Em certos casos temos sucesso em desenvolver as incipientes tendências heterossexuais que estão presentes em todos os homossexuais, mas na maior parte dos casos isto não é mais possível. Depende das características e idade do indivíduo. O resultado do tratamento não pode ser previsto.

O que a análise pode fazer por seu filho segue em outra direção. Se ele é infeliz, neurótico, torturado por conflitos, inibido em sua vida social, a análise pode lhe trazer

---

<sup>1</sup> Douglas Kawaguchi "Vida e obra de Sigmund Freud" de Ernest Jones, Rio de Janeiro, Zahar, 1979.

harmonia, paz de espírito, completo desenvolvimento de suas potencialidades, continue ou não homossexual.

Se você decidir que ele deve fazer análise comigo - e eu não espero que isto aconteça - ele deverá vir a Viena. Não tenho intenção de mudar-me. De qualquer forma, não deixe de me responder,

Sinceramente,

Desejo-lhe boa sorte,

Freud

\*\*\*\*

## poesia

### Missão do corpo

Carlos Drummond de Andrade

Claro que o corpo não é feito só para sofrer  
Mas para sofrer e gozar.  
Na inocência e no sofrimento  
Como na inocência do gozo,  
O corpo se realiza, vulnerável e solene.  
Salve, meu corpo, minha estrutura de viver  
E de cumprir os ritos do existir!  
Amo tuas imperfeições e maravilhas,  
Amo-as com gratidão, pena e raiva  
Intercadentes.  
Em ti me sinto dividido, campo de batalha  
Sem vitória para nenhum lado  
E sofro e sou feliz  
Na medida do que acaso me ofereças.  
Será mesmo acaso, será lei divina ou dragonária  
Que me parte e reparte em pedacinhos?  
Meu corpo, minha dor,

Meu prazer e transcendência  
És afinal meu ser inteiro e único.

\*\*\*\*

## janela cultural

### As horas

Lívia Beatriz Pereira

O Longa-metragem "As horas", conta a história de três mulheres, ligadas pelas questões da vida, do amor e da morte.

Virgínia inicia uma nova obra literária, com uma heroína que deve inicialmente morrer, e depois, reconsiderando, que deve viver para que passando pela experiência da morte de outro, valorize a vida. Este não é o caso da própria Virgínia que comete o suicídio. Veremos aí as expressões da melancolia que Freud nos trará como um destino subjetivo, em que o sujeito se supõe culpado pela morte do objeto. Ele se identifica com o objeto perdido a ponto dele mesmo se perder no desespero infinito de um nada irremediável.

Laura representa aquela que não se conforma, diante do casamento, da vida familiar, do filho que a convoca com o olhar. Ela recebe uma amiga que diante de uma enfermidade sustenta a autoconfiança. É a possibilidade de perder este objeto de amor e idealização, a amiga admirada, que a faz primeiro pensar em morrer e depois encontrar outra saída. Na depressão veremos a dimensão da perda do objeto, mas, nesses casos, o sujeito possui, comumente, os meios simbólicos para fazer o trabalho de luto.

Clarissa é a própria Ms. Dalloway, sempre preparando festas, lidando com a vida como se nada a afetasse. Mas algo vacila diante do imponderável das horas que passam, mas, o

final da narrativa nos sugere, que ela, a heroína, poderá frente à morte valorizar a vida.

O filme "As horas", nos revela, em diferentes épocas, as construções que levam mulheres a escolher entre a morte e a vida.

\*\*\*\*

## **submissão de trabalhos**

Convidamos os participantes do IPB a compartilharem com LAPSUS suas ideias, seus temas de investigação e interesse. Os trabalhos poderão ser enviados para o e-mail lapsusibp@gmail.com.

### **ESPECIFICAÇÕES**

- O texto deverá vir com título e nome do autor em tamanho 14, fonte Cambria (títulos), devidamente corrigido e revisado.
- Número de caracteres entre 2500 e 3000 com espaço.
- Fonte Courier New, tamanho 12 e o espaçamento antes 0pt, depois 0pt, entre linhas 1,5.
- Informamos que os trabalhos com vinhetas ou casos clínicos serão analisados criteriosamente pela equipe Lapsus antes da publicação.

\*Os trabalhos publicados com assinatura não traduzem necessariamente a opinião dos editores de LAPSUS. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate de questões diversas que transitam por aqueles que integram e frequentam as atividades do Instituto de Psicanálise da Bahia.

\*\*\*\*

## expediente

**Equipe Lapsus:** Anderson Viana, Ethel Poll, Júlia Solano, Laiz Rodrigues, Paula Goulart, Rogério Barros e Wilker França

**Consultores:** Bernardino Horne e Ricardo Cruz

**Contato:** lapsusibp@gmail.com